

ADILSON FERNANDES DA MOTA

A ALIENAÇÃO NO TRABALHO

30767
Saari

Tombo nº.	7133
Classif.	
Fol.	1
Origem	d
Data	06.03.03

ADILSON FERNANDES DA MOTA



A ALIENAÇÃO NO TRABALHO

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

Rubiataba/2001

DEDICATÓRIA

Com gratidão dedico esta Dissertação Filosófica em primeiro lugar ao meu pai do Céu, pela oportunidade de ingressar no mundo acadêmico e pelo que tem me concedido a cada dia.

Agradeço de modo muito especial aos meus pais que me ensinaram os primeiros passos na minha vida e aos meus irmãos pelo incentivo para que pudesse continuar meus estudos.

A todos os meus estimados professores que juntos caminhamos para que dias melhores pudessem surgir.

Carinhosamente meus agradecimentos a minha querida e maravilhosa esposa, pela companhia, atenção e dedicação para que juntos pudéssemos vencer mais uma etapa de nossas vidas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
BIOGRAFIA	06
1- O QUE É TRABALHO	07
1.2- O Trabalho em Marx	10
2- MERCADORIA	12
2.1- A classe operária	15
2.1- A classe de trabalhadores mais organizada e consciente	16
2.3- O operário como mercadoria	16
2.4- O trabalho exterior ao operário	17
3- O CONCEITO DE ALIENAÇÃO	19
3.1- O artesão	20
3.2- A indústria manufatureira	21
3.3- Alienação do homem em relação aos outros	23
3.4- A manifestação da alienação	25
3.5- O homem e o dinheiro	26
4- CAPITALISMO	28
5- LIBERDADE	31
CONCLUSÃO	36
BIBLIOGRAFIA	38

INTRODUÇÃO

A dissertação a ser apresentada, tem como objetivo maior passar aos leitores um entendimento claro e mais abrangente a respeito de várias questões que envolve o homem.

O homem trabalha constantemente, e este trabalho tem se transformado a tal ponto que é raro saber o que é trabalho, e, é isto que procuremos mostrar baseado no Filósofo Karl Marx, o trabalho para ele quando não é fator de realização humana é fator de escravidão e alienação.

Se abordará o duplo valor da mercadoria, de uso e de troca e o que vem a ser mercadoria de um modo geral, e se existe mercadoria conseqüentemente existe a classe operária, a classe mais explorada de todos os tempos e atualmente a classe mais organizada e consciente de seus direitos e deveres.

Se mostrará como o operário tornou-se uma mercadoria nas mãos do capitalismo a ponto do trabalho ser exterior ao operário, e, este empobrece a medida em que cria mercadoria.

É bom abordar que o homem a cada dia, torna-se um ser alienado. Mas, o que é alienação? Este será um ponto fundamental deste trabalho. Procurará se deixar claro a diferenciação do trabalho artesão, da indústria manufatureira e o por que das transformações que tiveram o trabalho a ponto de alienar o homem com o outro homem.

A alienação hoje tornou-se tão abrangente que, se manifesta na divisão do trabalho. Conseqüentemente o dinheiro é algo negativo para todo o homem, a ponto de torná-lo desumano. O regime capitalista é desumano tanto para os ricos como também para os pobres.

E por fim buscará se falar da liberdade, que é um sonho de todos, sair da exploração é um sonho da imensa população sofredora e para sair de tal condição alienada é preciso emancipar, não só os trabalhadores, mas toda a humanidade.

BIOGRAFIA

Karl Heinrich Marx, cientista social, historiador e revolucionário, foi certamente o pensador socialista que maior influência exerceu sobre o pensamento filosófico e social e sobre a própria história da humanidade, embora ignorado pelos estudiosos acadêmicos de sua época. Marx, nasceu em 5 de maio de 1848, em uma família de classe média, em Trier às margens do Rio Mosela, na Alemanha. Descendente rabinos. Aos 17 anos, matriculou-se na faculdade de Direito da Universidade de Bonn e mostrou-se sensível ao romantismo que ali predominava. Foi expulso de vários lugares, por causa das idéias que ele escrevia. Na última década de sua vida, a saúde de Marx entrou em declínio, mas mesmo assim conseguiu fazer comentários substanciais sobre a política contemporânea em especial a Alemanha e a Rússia. Morreu em 14 de março de 1883 em Londres.

1- O QUE É TRABALHO

O trabalho do homem social-eis o que condicionou o extraordinariamente elevado desenvolvimento de sua vida psíquica, de seu pensamento. O emprego de instrumentos de trabalho permitiu ao homem dominar uma força da natureza como fogo, deu-lhe a possibilidade de diversificar e melhorar sua alimentação, o que facilitou o desenvolvimento do cérebro humano¹.

O emprego de instrumento de trabalho modificou as relações do homem com a natureza, tornando os dias de trabalho cada vez menos sofredor. Independente de suas particularidades concretas, sempre é gasto de energia humana, física, nervosa, intelectual e neste sentido, é trabalho humano. Não se rebaixa nenhum tipo de trabalho, o que vale é trabalhar de maneira criativa.

O trabalho tem se tornado cada vez mais consciente, transformando-se gradativamente de um simples meio de subsistência em uma causa-honra. Se olharmos para a história da sociedade, veremos que o trabalho não é mais feito, juntamente com os outros homens, pela necessidade de apropriação da natureza externa, veremos que não é mais realizado pela necessidade de objetivar a própria humanidade, as próprias idéias e projetos, na matéria-prima. O que veremos é que o homem trabalha pela sua pura subsistência, e que cada dia que se passa vai se ficando muito sacrificado.

Engels lhe faz o uso em 1875-1882, na dialética da natureza. O trabalho é a condição fundamental primeira de toda a vida humana, e o é, a tal ponto que num certo sentido precisamos dizer: o trabalho criou o próprio homem.²

¹ Kuulinem, O. V. Fundamentos do Marxismo Leninismo, p.33

² CHAMBRE, Henci, De Marx a Mão TSE TUNG, p. 56

O trabalho deveria permitir ao homem universalizar-se, se reduz a ser apenas um meio para assegurar sua existência individual. O homem está ficando cercado, imóvel. O trabalho constitui uma dimensão essencialmente humana e primordial para o homem. Uma das características diferenciadoras do ser humano em relação aos animais é justamente o trabalho. Foi pelo trabalho que o homem se distanciou da natureza e do mundo selvagem, e acima do reino animal pela capacidade de produzir bens materiais por meio da transformação da natureza. É um animal que produz, o que o torna diferente de todos os outros animais. O trabalho desenvolvido pelo homem é radicalmente diferente se comparado com o dos animais, pois se para os animais o trabalho é o meio pelo qual ele se liberta da natureza afastando-se dela. No processo de trabalho, o homem não se limita as condições que a natureza oferece, transformando-a e molda-a conforme as suas exigências, ou seja, é pelo trabalho que o homem transforma a natureza de acordo com suas necessidades e capacidades.

O trabalho transforma o homem, pois exige dele raciocínio, planejamento, previsão das possíveis dificuldades e, o que é mais importante, exige que o homem acumule todo conhecimento já adquirido. Se o trabalho animal não exige acumulação de conhecimento, no trabalho humano essa acumulação constitui característica fundamental do homem. O trabalho estabelece uma ponte de mão dupla entre a teoria e a prática, ou seja, o conhecimento e a ação transformadora da natureza. A teoria orienta a prática, que altera a teoria, que refeita, aprimora a prática, num processo infinito.

A palavra trabalho tem muitos significados. As vezes, carregado de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de natureza. Em quase todas as línguas da cultura européia, trabalhar tem mais de uma significação. O grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposto de ócio; por outro lado, também apresenta pena, que é próxima de fadiga. O latim distingue entre laborare, a ação de labor, e operáre, o verbo que corresponde a opus, obra. Em francês, é possível reconhecer pelo menos a diferença entre travailler e ouvrier ou ouvrere, sombreado ainda o conteúdo de tâche, tarefa. Em português apesar de haver labor e trabalho, é possível achar a mesma palavra trabalho em ambas significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida;

e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incomodo inevitável.

Mas trabalho também tem outros significados mais particulares. Pode significar o conjunto das discussões e deliberações de uma sociedade ou assembléia convocada para tratar de interesse público, coletivo ou particular: os trabalhos da assembléia dos sindicatos tiveram como resultado a greve. Pode significar o serviço de uma repartição burocrática, e ainda pelos professores. Como pode indicar o processo do nascimento da criança: a mulher entrou em trabalho de parto.

Em nossa língua a palavra trabalho se origina do latim *tripalium*, embora outras hipóteses a associem a *trabaculum*. *Tripalium* era um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapá-los. A maioria dos dicionários, com tudo registra *tripalium* apenas como instrumento de tortura, o que teria sido originalmente, ou se tornado depois.

Todo trabalho supõe tendência para um fim e esforço. Para alguns trabalhos, esse esforço será preponderantemente físico, para outros, preponderantemente intelectual³.

O trabalho do homem aparece cada vez mais nítido quanto mais clara for a intenção e a direção do esforço. Neste sentido possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado, para a realização de objetivos; onde até mesmo o objetivo realizado, a obra, passa a ser chamado trabalho. Trabalho é o esforço e também o seu resultado. O trabalho hoje é um esforço planejado e coletivo, no contexto do mundo industrial, na era da automação. É hoje uma espécie de negativo daquele artesanal. As pessoas se percebem como alegres robôs que não tem efetivo poder de decisão sobre o mundo em que trabalha. Propriamente dito o trabalho, é aquele que introduz a palavra *poesis*, o fazer, a fabricação, criação de um produto pela arte, é a obra da mão humana que maneja instrumento que a imitam. Este fazer humano tem a qualidade da permanência, deve poder superar no tempo o próprio trabalhador.

³ ALBORNOZ, Suzana, *O que é trabalho*, p.11

A ação - a praxis - é aquele domínio da vida ativa onde o instrumento usado pelo homem é o discurso, a sua própria palavra, é o âmbito da vida política, onde se discutem os interesses, as paixões, as questões muito concretas que se referem ao convívio harmonioso entre cidadãos. O trabalho intelectual, considerado como propriamente humano quando gratuito é liberto do contato com a matéria, se concentra nas classes dos homens livres, enquanto o trabalho físico, considerado servil, e humilhante, vai repousar sobre os ombros dos escravos e das mulheres.

Nos primeiros tempos do cristianismo o trabalho era visto como punição para o pecado, que também servia aos fins últimos da caridade, para a saúde do corpo e da alma, e para afastar os maus pensamentos provocados pela preguiça e a ociosidade. Mas como o trabalho era desse mundo mortal e imperfeito, não era digno por si mesmo.

O trabalho tem um significado intrínseco. As razões para trabalhar estão no próprio homem e não fora dele ou em qualquer de suas conseqüências. A satisfação do trabalho não decorrem da renda nem da salvação, sequer do status ou do poder sobre outras pessoas mas do processo técnico inerente. Longe de escravizá-lo, o trabalho prático é condição necessária de sua liberdade. No trabalho, atividade produtiva é um processo através do qual o sujeito vai se elevando até atingir sua plena auto-consciência.

1.2- O Trabalho em Marx

Marx indicava que a força produtiva do trabalho é determinada pelo grau médio de habilidade do operário, pelo nível de desenvolvimento da ciência e pelo grau de sua aplicação tecnológica, pelo combinação social do processo de produção, pelas proporções e pela eficácia dos meios de produção e, finalmente, pelas condições naturais. Como indicava Marx, a luta por uma elevada produtividade do trabalho se reduz, em última instância, a economia de tempo de trabalho, tanto do que é gasto diretamente como do que se corporifica nos elementos materiais de produção.

Segundo Marx, Hegel viu justamente no homem objetivo, no homem verdadeiro, o resultado do seu próprio trabalho... ele concebe o trabalho como um ser, como o ser do homem que se afirma. Infelizmente, porém, Hegel só conhece o "trabalho espiritual abstrato". Ao contrário, Marx trata-se do trabalho concreto, do trabalho de todos os dias, a um tempo material e espiritual, pelo qual o homem se esforça por dominar a natureza, trabalho que harmoniza a natureza hostil e natureza do homem, criando assim o homem social, reconhecido com a natureza e com a totalidade da humanidade. O trabalho para Marx é o relacionamento ativo do homem com a natureza, a criação de mundo novo incluindo a criação do próprio homem. Para ele, a essência aparentemente objetiva da propriedade privada no regime capitalista se encontra no trabalho. Em outras palavras o trabalho constitui a única essência da riqueza.

O alemão Karl Marx, afirmava que o trabalho, quando não é fator de realização humana é, fator de escravidão e alienação⁴.

A essência do ser humano está no trabalho. O que os homens produzem é o que eles são. Ele é o que ele faz. E a natureza dos indivíduos depende, portanto, das condições materiais que determinam sua atividade produtiva. Segundo ele, o trabalho, é pressuposto em uma forma que o caracteriza como exclusivamente humana. O homem é um ser que antecipa, que faz projetos, que se representa mentalmente os produtos de que precisam. antes da própria atividade, pela imaginação o homem já contém em si o produto acabado.

Para o autor e o marxismo, o trabalho pertence ao reino da necessidade. O reino da liberdade deverá ser conquistado do outro lado do trabalho, no tempo livre cada vez mais acessível, nas horas de festa, no prêmio do discurso e no prazer de gozar conquistado pelo esforço produtivo.

⁴ MILTON & FRIEDMAN, Rose, *Liberdade de escolher. O novo liberalismo econômico*, p. 46

2- MERCADORIA

Se alguém satisfaz, com o produto do seu trabalho, sua própria necessidade ou a necessidade de sua família cria, então, apenas um produto, uma coisa, porém não uma mercadoria. A mercadoria possui duas propriedades. A sua capacidade de satisfazer qualquer necessidade humana faz da mercadoria um valor de uso. No mercado, os valores de uso de um gênero, por exemplo do feijão são trocados pelo valores de uso de outro gênero, como por exemplo do alumínio. Se uma mercadoria é trocada por uma outra mercadoria faz desta mercadoria um valor de troca. O que é comum é que todos são produtos do trabalho humano. A grandeza do valor da mercadoria é determinado pelo trabalho. O tempo de trabalho socialmente necessário - escreveu Marx - é o tempo de trabalho exigido para elaboração de qualquer valor de uso, nas condições de produção socialmente normais existentes e com o nível médio de habilidade e de intensidade do trabalho na sociedade dada. Com o crescimento da produtividade do trabalho social, o valor das mercadorias diminuiu, uma vez que a produção da unidade de mercadoria exige cada vez menos trabalho.

O tempo de trabalho socialmente necessário - é o tempo do trabalho exigido para a elaboração de qualquer valor de uso, mas condições de produção socialmente normais existentes é com o nível médio de habilidade e de intensidade do trabalho na sociedade dada⁵.

Com o crescimento da produtividade do trabalho social, o valor das mercadorias diminuiu, uma vez que a produção da unidade de mercadoria exige

⁵ *Fundamentos do marxismo – Leninismo, p 223*

cada vez menos trabalho. O valor do uso da mercadoria é criado pelo trabalho de determinada especialidade - trabalho concreto. Independente de suas particularidades concretas, sempre é gasto de energia humana - física, nervosa, intelectual, nesse sentido, é trabalho humano igual, trabalho em geral.

O valor da mercadoria é criado pelo trabalho que representa como gasto de força de trabalho humano, independente da força deste gasto, trabalho abstrato. Qualquer trabalho, é por um lado dispêndio de força de trabalho humano no sentido filosófico da palavra e, nessa sua qualidade de trabalho igual o abstratamento humano, o trabalho forma o valor das mercadorias. Qualquer forma racional particular, e, nesta sua qualidade de trabalho concreto útil, o trabalho cria o valor de uso.

Quanto mais o trabalhador cria mercadorias, mais torna-se ele mesmo uma mercadoria, mais se desvaloriza. A força do trabalho vende-se no mercado de trabalho, onde reina a lei da oferta e da procura. Lado mal da divisão do trabalho é que ele tornou para nós um instrumento de miséria.

Devemos ter cuidado para não confundir o valor da mercadoria medido pela quantidade de trabalho que nela se fixa, com o valor da mesma mercadoria medida pelo valor do trabalho, vale dizer, por sua capacidade de comprar trabalho. A medida do valor é o trabalho morto, não trabalho vivo, toda aquela atividade que se deposita no trabalho, e de modo nenhum aquela atividade que se deposita no produto e de modo nenhum aquela atividade que se exerce num determinado lapso de tempo. Nada me impede de produzir uma mesa com os instrumentos que possui no fundo do quintal. Se pretendo vendê-la, se ela é igual às outras mesas produzidas em série por uma fábrica informatizada, ao vendê-la, obterei o mesmo preço da mesa industrial.

Todo o tempo concreto gasto se comporta naquela qualidade que a fábrica determina graças ao nível de produtividade em que opera. As determinações desse trabalho enquanto padrão de medida, em primeiro lugar, é social, porque se situa no nível da produtividade coletiva com um todo, do processo produtivo e não do ato individual de trabalhar; em segundo lugar, é abstrato, pois ao efetuar-se para produzir objeto destinado à troca, vem a ser medido em função da trocabilidade do produto e não de sua capacidade de adequar uma coisa para o uso; por fim, é morto, ao seu exposto nesta ou qualquer outra coisa do mesmo modo.

O novo conceito de valor esclarece como a troca contratual, aparentemente eqüitativa entre capital e trabalho, mas feita na base dos valores determinados pelos trabalhos mortos incorporados pelas mercadorias em questão, termina causando exploração do homem sobre o homem e novas desigualdades sociais. Isso porque o trabalho morto, inscrito na força de trabalho, se exercita na qualidade de trabalho, produtor de excedente, do qual apenas o capitalismo tem o controle.

Enquanto o movimento dos trabalhadores não tomar consciência da forma específica pela qual se dá a luta de classes na sociedade burguesa, continuará ignorando o modo pelo qual se insere nesse sistema produtivo particular, perdendo então o parâmetro de sua prática revolucionária.

Outros já tinha visto na história a luta das classes, mas somente Marx percebe neste antagonismo entre ricos e pobres uma contradição no sentido hegeliano da palavra, um choque entre dois pólos, cada um ganhando autonomia até que um deles, em virtude de sua economia é essencialmente negativa, suprime a oposição e se opõe com uma nova totalidade.

A mercadoria tem duplo valor: o valor de uso e o valor de troca. O valor de uso de uma mercadoria, como por exemplo um sapato, um quilo de feijão, baseia-se na qualidade da mercadoria, que, precisamente em função de sua qualidade, satisfaz mais a uma necessidade do que a outra. O valor de troca é algo idêntico existente em mercadorias diferentes, que as tornam possíveis de troca em proporções mais do que em outras. Mas em que consiste o valor de troca de uma mercadoria? Para o autor esse valor é dado pela qualidade de trabalho essencialmente necessária para produzi-la. Em essência, como valores, todas as mercadorias são apenas medidas determinadas de tempo de trabalho nelas empregados.

Para maior facilidade das trocas, a troca direta foi substituída pela moeda. Mas, faça-se a troca diretamente ou através da moeda, uma mercadoria não pode ser trocada por outras se não é igual trabalho necessário para produzir a segunda. A realidade é que o intercâmbio de mercadoria não é tanto uma relação entre coisas, mas muito mais uma relação entre produtores e entre homens. É isso que a economia clássica parece esquecer.

O valor de troca de uma mercadoria, portando, é dado pelo trabalho social necessário para produzi-la, mas o trabalho, a força do trabalho, também é mercadoria que o proprietário da força de trabalho (o operário) vende do mercado em troca do salário, ao proprietário do capital.

2.1- A classe operária

De que partiram Marx e Engels, na sua previsão da missão histórica-universal da classe operária? Em primeiro lugar, do fato de que a classe operária, representa a classe mais explorada da sociedade capitalista, já por força das condições de sua vida, se torna o adversário mais conseqüente e inconciliável da ordem capitalista. Na realidade, a classe operária é a única classe que não possui propriedade privada dos meios de produção e, portanto, não precisa estimá-la. Ademais, uma vez que a propriedade privada dos meios de produção constitui a base da exploração do operário pelo capitalismo, torna-se evidente que a liquidação e substituição pela propriedade social é o único caminho para a emancipação da classe operária.

Em virtude de suas próprias condições de vida e trabalho, a classe operária é capaz de atingir o mais alto grau de organização. Entre as classes oprimidas, é também a classe operária a que possui a maior capacidade para desenvolver a própria consciência, para aprender a concepção do mundo avançado, científico. É simultaneamente, a classe mais combativa e revolucionária da sociedade, não casualmente, esta missão da classe operária é considerada histórico-universal.

Nos países mais ou menos desenvolvidos, ele produz, agora, a maior parte da riqueza nacional. O seu trabalho é a fonte principal dos valores materiais, que asseguram as necessidades vitais da humanidade.

2.2- A classe de trabalhadores mais organizada e consciente

Marx e Engels previram na classe operária uma capacidade tal para a organização e que não existe em nenhuma classe igual. A classe operária, como regra começou uma unificação sobre forma como as caixas de ajuda mútua, as caixas para assistência médica, as cooperativas e outras semelhantes. Entretanto, ao lado dessas organizações, já na primeira metade do século XIX, começaram a surgir os sindicatos, que permitiam aos operários realizar uma luta efetiva pelos seus interesses econômicos e imediatos.

Atualmente, os sindicatos unificam, em todo o mundo mais de cento e sessenta milhões de trabalhadores. Desde os primeiros passos de sua vida produtiva e social, os proletários assimilam, com a própria experiência, o velho princípio do movimento operário. "O operário é irmão do operário". O operário consciente interpreta esse princípio de modo extensivo, é irmão não só do outro operário como também de todos os oprimidos e explorados.

Para tomar consciência de si mesma como classe e compreender corretamente os seus interesses e os caminhos da luta libertadora, os operários passaram, não pelas salas de aula e nem pelos auditórios universitários, mas pelo fogo da luta cotidiana e dos grandes combates de classe, das vitórias espetaculares e das amargas derrotas. No século que passou, a classe operária acumulou grandes experiências.

2.3- O operário como mercadoria

Se olharmos para a história e a sociedade, veremos que o trabalho não mais é feito, juntamente como os outros homens, pela necessidade de apropriação na natureza externa, veremos que não é mais realizado pela necessidade de objetivar a própria humanidade, as próprias idéias e projetos, na matéria-prima. O que vemos é que o homem trabalha pela sua pura subsistência, baseada na divisão do trabalho. O que o operário tem alienada a matéria-prima, são alienados os seus

instrumentos de trabalho; o produto do trabalho lhe é arrancado; com a divisão do trabalho, ele é mutilado em sua criatividade e humanidade.

O operário torna-se mercadoria nas mãos do capital. Isso é a alienação do trabalho, na qual Marx derivam todas as outras formas de alienação, como alienação política, na qual o estado se ergue acima e contra os homens da luta de classes e que eliminará a propriedade privada e o trabalho alienado.

2.4- O trabalho exterior ao operário

A existência do capital e a existência do operário, é a sua vida, já que determina o conteúdo da vida, ou, para que o operário passa a viver é preciso que tenha diante dele um homem que compre seu trabalho, o capital do operário. Assim o operário despoja daquilo que Marx constitui a essência do homem, sua atividade produtora, criadora de valores⁶.

O operário pois, empobrece à medida que cria riquezas. Uma parte das forças de trabalho do homem, da sua substância portanto, passa diretamente para as mãos do capitalista. O produto do trabalho do operário, a saber o trabalho que se fixou no objetivo fabricado, não lhe pertence mas permanece exterior. O objeto que ele fabricou lhe é estranho. O operário se despojou do seu trabalho: o objeto está perdido para ele ou ainda, o objeto está alienado com relação ao trabalhador que o produziu. Em outras palavras: a desvalorização do mundo do homem, avança em razão direta com a valorização do mundo das coisas.

Quanto mais o operário se apropria pelo o seu trabalho do mundo circundante, do mundo sensível, tanto mais ele se priva dos meios de viver, e isto duplamente: primeiro no sentido de que o mundo sensível circundante torna-se cada vez menor um objeto pertencente a seu trabalho; em seguida, no sentido de que a natureza torna-se cada vez menos para ele uma fonte de vida propriamente dita.

⁶ CHAMBRE, Henri. De Marx a Mão TSE TUNG, p. 62

De duas maneiras o operário torna-se escravo do trabalho: primeiro ele recebe o objeto de sua tarefa, e em segundo ele recebe unicamente meios de subsistência. No curso de seu trabalho o operário, longe de ser feliz sente-se desgraçado; não desenvolveu nenhuma energia livre no trabalho, nem física nem espiritual. Por isso, não se encontra a si mesmo senão fora do trabalho. O ato da produção torna-se desta sorte para o operário como uma atividade que não lhe é própria, uma atividade que é sofrimento, uma força que é impotência, uma apropriação que é a castração.

3- O CONCEITO DE ALIENAÇÃO

A palavra alienação significa, etimologicamente, tomar-se estranho a si próprio. Deriva do latim alienare, alienus, que significa, que pertence a outro⁷.

A pessoa alienada, de certa forma, não se reconhece em suas atividades, essas atividades constitui uma ação automática, não reflexiva, não criativa. O alienado não se realiza em suas atividades, pois estas lhe são totalmente estranha.

Em Marx encontramos o conceito de alienação utilizado para designar uma relação artificial do operário com sua atividade produtiva⁸.

O trabalho é exterior, não pertence a ele, não é expressão de sua criatividade, o trabalho não é fruto do operário. Por consequência, o trabalhador não se afirma no trabalho, muito pelo contrário, nega-se nele. Há alienação no trabalho quando pertence o domínio da produção de um objeto, o trabalhador vê o resultado de seu trabalho se tornar estranho a ele mesmo. Em todo trabalho moderno, seja nas indústrias, seja no setor de serviços, constatamos o fenômeno da alienação. Ela começa na própria produção. Um exemplo, mas que poderia acontecer em qualquer outro tipo de fábrica, e o da indústria automobilística: o operário é contratado para executar uma única tarefa o dia todo. Cada trabalhador, ou grupos de trabalhadores, executam uma tarefa específica, não interferindo nem em nenhum outro setor produtivo. Esse é o modo de produção capitalista moderno, baseado na divisão

⁷ MILTON & FRIEDMAN, Rose, Liberdade de escolher. Novo liberalismo econômico, p. 47

⁸ MILTON & FRIEDMAN, op. cit., p.47

social do trabalho, muitos executam o trabalho braçal, sendo que este é dividido em dezenas de etapas, e poucos executam o trabalho teórico, de organizar burocraticamente a produção. Este processo de alienação acontece porque o trabalhador não domina todo processo produtivo, mas apenas uma parte dele. Seguindo em frente, com nosso exemplo o trabalhador não sabe produzir todo o carro, sabe apenas fixar a barra de direção no chassi. O operário produz, mas não sabe produzir; não se vê o produto como criação sua; ele não se enxerga no produto. Na indústria, o trabalhador produz, mas aquilo que produziu não lhe pertence; produzimos e não somos donos do produto. Imagina só se esse operário ao receber o seu salário e for tentar comprar um dos carros que ele ajudou a construir? Aquilo que ele produziu lhe é estranho e não lhe traz segurança.

Em uma indústria, o trabalhador não determina as horas a serem trabalhadas, nem o ritmo do trabalho, nem o que e como produzir, nem as roupas a serem usadas; em última instância, tudo é exterior ao homem, tudo já está predeterminado. Numa linha de produção, o homem converte-se num átomo, apenas num dente no meio de dezenas de engrenagem que funcionam como o capitalismo quer. Na produção, o trabalhador ocupa um lugar preciso e se comporta de um modo predeterminado. Todos os seus movimentos já estão previstos pela função a ser executada. No nosso exemplo, o trabalhador se tornou algo rotineiro e reflexível, pois perdeu o direito de criar e repensar. A capacidade criadora, a curiosidade e o raciocínio foram suprimidos pela produção. A vida humana aqui é negada, pois toma o homem submisso, sem criatividade, impede-o de usar exatamente aquilo que o diferencia dos animais: a capacidade intelectual. Com efeito o processo de alienação vai ainda mais longe no universo do capitalismo, o próprio trabalhador torna-se um trabalhador - mercadoria.

3.1- O artesanão

Karl Marx afirmava que o trabalho, quando não é fator de realização humana é, ao contrário, fator de escravidão e alienação. Mas como isso se dá? O processo de produção vigente na Europa dos séculos XVI e XVII era radicalmente

diferente da produção industrial que temos hoje. As oficinas daquela época utilizavam processo de produção manufatureira que exigia pouquíssimos instrumentos e ferramentas, basicamente, empregava a força humana. Era um tipo de produção de baixa quantidade em virtude do processo lento. Esse tipo de produção era dotado nas oficinas artesanais, que eram pequenas oficinas comandadas por um mestre artesão, geralmente localizada em sua própria casa. As roupas, os sapatos, as ferramentas, as armas utilizadas na época eram produzidas por esses mestres artesãos e por seus familiares e aprendizes.

Nesse modelo de produção, podemos constatar que o artesão possuía todo o conhecimento do processo produtivo, era quem providenciava a matéria-prima utilizada, e as ferramentas eram feitas por ele mesmo. O ritmo do trabalho era determinado pelo artesão, bem como o total de horas trabalhadas no dia. A comercialização da produção era realizada também pelo artesão, sendo que todo dinheiro arrecadado com a venda pertencia a ele mesmo. Nesse modelo de produção, o artesão era livre para determinar quando e quanto produzia, assim como o modelo de preço de produto. Os objetos produzidos eram integralmente produtos do artesão, fruto do raciocínio de criatividade, o artesão reconhecia ser aquele objeto produto de seu trabalho; ele se reconhecia no produto.

3.2- A indústria manufatureira

Paralelamente a esse modelo de produção artesanal, começou a se desenvolver na Inglaterra, a partir do século XVIII, um novo modelo de produção, conhecido como indústria manufatureira. Essas indústrias pertenciam aos comerciantes burgueses, que constituiu uma classe social ascendente e rica, graças ao comércio.

Nesse modelo de produção industrial, o burguês era dono dos meios de produção: as ferramentas, as máquinas, a oficina, a matéria-prima... Mas não conseguia tocar tudo sozinho, precisava então contratar pessoas para fazer a fábrica funcionar. Quem iria trabalhar para ele? Ora, aqueles que não tinham máquinas,

ferramentas, etc. O trabalhador era dono exclusivamente de sua força de trabalho, que vendia ao burguês em troca de salário.

Nessas indústrias, o processo de produção era dividido, isto é, cada trabalhador realizava apenas uma tarefa, o que tornava a produção muito mais rápida. O trabalhador não decidia absolutamente nada; não decidia que a matéria-prima no pregar, o que produzir, a quantidade, o ritmo, o número de horas trabalhadas diariamente e nem o preço pela qual o produto seria vendido. Por fim, o trabalhador não conhecia todo processo produtivo, mas apenas a sua função nesse processo. Tudo era decidido por uma pessoa ou por um grupo de pessoas: os burgueses e proprietários da fábrica.

Essas indústrias produziam mais e a preços baixos, se comparados como o processo de produção do artesão. Esse fator, com o decorrer do tempo, ocasionou a falência do artesão, que também foi obrigado a vender sua força de trabalho aos burgueses. Esse modelo de indústria foi avô das grandes indústrias que conhecemos hoje, e que conserva, em essência, o mesmo modelo de produção.

O trabalhador se reduz a uma mera extensão da máquina. Longe de ser fator de prazer, o trabalho é muito mais uma tortura, instrumento de sofrimento ao qual o indivíduo se submete apenas porque precisa sobreviver. Esse trabalho - tortura deixa de ser a possibilidade de o homem ser criativo de sua submissão, de sua perda de humanidade, a que chamamos de trabalho alienado.

A alienação do trabalho, consiste antes de mais nada no fato de que o trabalho é externo ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser e, portanto, ele não afirma em seu trabalho, mas se nega, não se sente satisfeito, mas insatisfeito, não desenvolve energia física e espiritual livre, mas define seu corpo e destrói o seu espírito⁹.

Somente fora do trabalho que ele se sente-se o senhor de si, no trabalho, ele se sente fora de si. Sente-se em sua própria casa se não estiver trabalhando, se estiver trabalhando não se sente em sua própria casa. O seu trabalho, portanto, não é voluntário, é trabalho forçado. Não constitui assim, a

⁹ REALE, Giovanni & ANTISEIRI, Dário. História da Filosofia. Do romantismo até nossos dias. p. 193

satisfação de uma necessidade mas somente meio para satisfazer necessidades estranhas. Por tudo isso, o homem só se sente livre em funções animais (comer, beber, procriar, ou ainda morar em casa e se vestir), sentido-se como nada além de animal em suas funções humanas.

A alienação do trabalho faz com que o operário se torne tanto mais pobre quanto mais é a riqueza que produz, quanto mais a sua produção cresce em potência e extensão. O trabalhador torna-se mercadoria tanto mais, quanto é a quantidade de mercadorias que produz¹⁰.

Mas as coisas não param por aí, já que a alienação do trabalhador em seu produto significa não apenas que seu trabalho se torna objeto, algo que existe exteriormente, mas também que ele existe fora dele independentemente dele, estranho a ele, tornando-se diante dele como que um poder em si mesmo, o que significa que a vida que ele deu ao objeto agora se contrapõem como hostil e estranho.

3.3- Alienação do homem em relação aos outros

A alienação do operário, no seu objeto se expressa no fato de que quanto mais o operário produz, menos tem para consumir, quanto maior valor produz, tanto menor valor e menor dignidade possui, quanto mais belo é o seu produto e tanto mais desforme torna-se o operário; quanto mais refinado é o seu objeto, tanto mais bárbaro ele se torna; quanto mais forte é o trabalho, mais fraco ele fica; quanto mais espiritual é seu trabalho, mais ele se torna material e escravo da natureza¹¹

O homem é alienado em relação a outros homens. O homem com efeito nunca é um ser isolado da sociedade e do mundo natural em qual vive. O homem é sociedade, ser genético, como atividade criadora e como produtor de sua vida: é preciso evitar fixar a sociedade como abstração em fase do indivíduo. O

¹⁰ REALE & ANTISEIRI op. cit., p. 193

¹¹ REALE & ANTISEIRI op. cit., p. 193

indivíduo é ser social, escreve Marx, ou ainda: minha própria existência é atividade social.

A alienação do homem no trabalho inverte desgraçadamente esta situação: ela transforma sua atividade vital, sua essência, em simples meio de existência. O trabalho que devia permitir ao homem universalizar-se se reduz a ser apenas um meio para assegurar sua existência individual. Neste mundo de alienação o trabalho que era atividade social, genérica do homem um universo em que ele comungava com a natureza, torna-se simples meio da vida individual. Esta vida individual alienada é justamente proposta como fim à atividade social, específica do homem que, por esta razão, não é mais universalizante. Daqui resulta que, alienado da natureza e de si mesmo, o homem se aliena também com relação à espécie, a outro homem. Quanto o homem se opõe a si mesmo, o outro homem também se opõe a ele. Cada homem torna-se um contra hostil aos outros homens.

A alienação do regime capitalista é um fato geral que atinge tanto o operário quanto ao burguês. Neste sentido, Marx nota, tudo que se mostra no operário como atividade de despojamento, de alienação, se mostra no não operário como estado de despojamento de alienação.

A alienação do homem no trabalho se exprime na categoria do "haver" como conseqüência da apropriação privada dos bens, pelo qual o próprio operário é um capital e uma mercadoria, ele é, portanto, despojamento, perda. Tanto quanto o capitalismo, o operário tem necessidades. O operário tem a infelicidade de ser um capital vivo, que tem necessidades e que, a todo instante em que não trabalha perde seus interesses e, por conseguinte sua existência.

A alienação significa para Marx, que o homem não se vivencia como agente ativo de seu controle sobre o mundo, mas que o mundo permanece alheio ou estranho a ele. Eles ficam acima e contra ele como objetos. Passam ser objetos por ele mesmo criados. Alienar-se é, em última análise, vivência o mundo e a si mesmo passivamente, receptivamente, como sujeito separado do objeto¹².

¹² FROMM, Erich, Conceito Marxista do Homem, p. 50

3.4- A manifestação da alienação

O processo de alienação manifesta-se no trabalho e na divisão do trabalho. Com a expansão da propriedade privada e da divisão do trabalho, mas todavia, o trabalho perde sua característica de expressão do poder do homem; e seus produtos assumem uma existência à parte do homem, de sua vontade e de seu planejamento. O objeto produzido pelo trabalho, seu produto, agora se opõe a ele mesmo como um ser estranho é trabalho humano incorporado em um objeto e transformado em coisa material; esse produto é uma objetivação do trabalho humano. É alienado porque trabalhar é deixa de fazer parte da natureza do trabalhador e, conseqüentemente, ele não se realiza no seu trabalho mas nega-se a si mesmo, tem uma expressão de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolve livremente suas energias mentais e físicas mas fica fisicamente - exaustivo e mentalmente revoltado. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade quando de folga, ao passo que no trabalho, se sente constrangido. Assim, no ato de produzir, a relação do trabalhador com sua própria atividade é vivenciada como algo alheio e não pertinente a ele, a atividade como sofrimento, o vigor como impotência. Enquanto o homem se torna pois alienado de si mesmo, o produto de seu trabalho torna-se um objeto estranho que domina. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo sensorial externo, com objetos naturais.

No trabalho não alienado, o homem não só se realiza como indivíduo, mas também como anti - espécie. Para Marx, tal como para Hegel, e muitos outros pensadores do iluminismo, cada indivíduo representa a espécie, isto é, a humanidade como um todo, a universalidade do homem.

O desenvolvimento do homem conduz ao desabrochar, de toda a humanidade nele existente. No processo de trabalhar, ele não mais se produz a si mesmo meramente de forma intelectual como na consciência, mas ativamente e em sentido real, e vê seu próprio reflexo em um mundo que ele construiu. Enquanto, por conseguinte, o trabalho alienado afasta do homem o objeto da produção, também afasta dele sua vida como espécie.

*Marx admitiu que a alienação do trabalho, apesar de existir através de toda a história, atinge o auge na sociedade capitalista, e que a classe trabalhadora é a mais alienada de todas*¹³.

O homem alienado, que julga ter se tornado o senhor da natureza, tornou-se escravo das coisas e das circunstâncias, apêndice importante de um mundo que é simultaneamente a expressão congelada de seus próprios poderes. A alienação do processo de trabalho do produto deste e das circunstâncias está inseparavelmente ligada à alienação de si próprio de seus semelhantes e da natureza.

Uma consequência direta da alienação do homem do produto de seu trabalho, da atividade de sua vida e da vida de sua espécie é que o homem é alienado dos outros homens. Quando o homem se enfrenta a si mesmo, também enfrenta os outros homens. O que é verdade quanto à relação entre o homem e seu trabalho, o produto do seu trabalho com relação com outros homens, e com o trabalho e objeto de trabalho deles.

3.5- O homem e o dinheiro

O homem torna-se cada vez mais pobre como homem; ele tem necessidade cada vez maior de dinheiro afim de apossar-se do ser hostil. O poder do dinheiro diminui diretamente com o aumento do volume de produção, isto é, sua necessidade cresce com o poder crescente do dinheiro. A necessidade de dinheiro torna-se cada vez mais sua única qualidade importante.

Difícilmente o homem podia imaginar que a ganância do poder ter, levaria a raça humana estar hoje prisioneira das armas nucleares por ela criadas, e das instituições políticas também por ela inventada. Uma humanidade aterrorizada

¹³ FROMM, *op. cit.*, p. 55

aguarda angustiada para ver se será salva do poderio das coisas que criou, da ação cega das burocracias por ela desejada.

A corrida para as cidades se implica em parte pela natureza do trabalho industrial. Produzir em série e com o auxílio de máquinas significa produzir em centros onde essas máquinas sejam concentradas¹⁴.

O trabalho é alienado do trabalhador porque o produtor não detém, não possui nem domina os meios de produção. A alienação objetiva do homem do produto e do processo de seu trabalho é uma consequência da organização legal do capitalismo moderno e da divisão do trabalho. Em primeiro lugar, é uma auto-alienação: o trabalhador vende seu tempo sua energia, sua capacidade a outrem.

As coisas se passam assim, como o homem se aliena, ou seja, vende sua força de trabalho a outrem, a quem ele outorga e a quem passa a pertencer o seu trabalho e o produto gera uma relação correspondente do capitalismo com o trabalho, que é a propriedade privada.

O trabalho hoje é uma espécie negativa daquele artesanal a qual já nos referimos anteriormente. No mundo industrial falta o vínculo entre o trabalho e o resto da vida. Para agir livremente deixa-se o tempo que sobra do trabalho. Assim se separa totalmente do trabalho de lazer, de prazer, de cultura, de renovação das forças anímicas, que deverão ser buscadas no tempo que sobrar do trabalho. As pessoas vivendo alienadas se percebem como alegres robôs que não tem nenhum efetivo poder de decisão sobre o mundo em que trabalham.

¹⁴ ALBORNOZ, Suzana, O que é trabalho, p 27

4- CAPITALISMO

Karl Marx, define o capitalismo como sendo um determinado modo de produção de mercadorias. O capitalismo significa para ele não apenas um sistema de produção de mercadorias, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca. O capitalismo foi algo que representou um grande passo para o caminho do progresso. Mas isso foi bom ou ruim? São questões que devem ser feitas constantemente em nossas vidas. Sabe-se que o auge do capitalismo, o seu desenvolvimento se procede a custa dos mais fracos, causando sofrimento para a maioria.

Sob o capitalismo, o salário representa o preço da força de trabalho. Cria-se porém, a falsa aparência de que ele é o preço do trabalho, de que o capitalismo paga ao operário o seu trabalho, e ainda, todo o seu trabalho. O que acontece, é que o trabalho cria o valor, mas ele mesmo não possui valor, e a classe operária vive em luta pela elevação do seu nível de vida.

O ser humano é rebaixado no regime capitalista ao nível de um animal. O sistema produz um ser totalmente diferente do caráter humano. O trabalhador está muito alienado naquilo que ele faz.

A essência aparentemente objetiva da propriedade privada no regime capitalista se encontra no trabalho. O trabalho constitui a única essência da riqueza, este fato tem conseqüência predominantemente hostil ao homem, porque é a partir dele que o homem é um ser alienado em tal regime¹⁵.

¹⁵ CHAMBRE, Henci, De Marx a Mão TSE TUNG, p. 63

No universo capitalista o homem se encontra na impossibilidade de se apropriar de uma maneira humana, pelo seu trabalho, do modo circundante. Para uns ricos, o trabalho produz maravilha, para os operários produz a miséria e nestas condições, o trabalho no regime capitalista é desumanizante.

O capitalismo se mostra, portanto, como um fenômeno desumano, nesta análise das relações existentes entre o trabalhador e os objetos do seu trabalho. O regime capitalista é desumano ainda sobre outro ponto de vista: a própria atividade produtora é fonte de alienação do homem.

No interior de tal regime a atividade do trabalho não exprime o domínio do homem sobre seu objeto nem sua expressão vital. A atividade do trabalho é, ao contrário, sofrimento para o trabalhador, o trabalho não proporciona nenhum prazer.

Vivendo num país capitalista onde cada um quer mais do que o outro, o empregado fica longe de ser feliz, sente-se desprezado, não desenvolve nenhuma energia livre no trabalho, nem física nem espiritual. Por isso, não se encontra a si mesmo senão fora do trabalho.

No capitalismo a divisão do trabalho na escala de toda a sociedade é regulada pelas relações espontâneas das do mercado. As conseqüências dessa regulação se fazem sentir nas crises, do desemprego, na degradação física e moral de camadas inteira dos trabalhadores.

No regime capitalista, o empresário introduz uma nova máquina não quanto ela poupa trabalho, mas apenas quando ela lhe custa mais barato do que o pagamento do operário que ela substitui¹⁶.

Tens se percebido que no mundo capitalista, o que se vê falar é em desemprego, fome, angústia, medo, miséria e que os governantes deste regime nada fazem para reverter o quadro. A ganância no mundo capitalista chega a tal ponto que cada um quer ser mais ambicioso do que o outro. O empregador hoje que ficar nos mais altos degraus, acima de muitos e de todos, maltratando seu funcionário, não dando valor no que produz e acaba desse maneira tirando os méritos do seu companheiro de toda hora. O empregador nas muitas vezes é um

¹⁶ KUUCINEW, O. V., Fundamentos do marxismo Leninismo, p. 612

sanguessuga, e acaba sendo este animal um eliminador de qualquer iniciativa positiva de seus funcionários, tirando o que é mais sagrado, a essência da vida.

O aproveitamento desenfreado de patrões tem que acabar, senão não haverá produtividade e nem homens para produzir. A vida não mais tem sentido, porque hoje no mundo alienado, você não vive para si, mas vive em função daqueles que te dão ordens.

5- LIBERDADE

De certo, é muito difícil dizer: mudemos as coisas, busquemos novas possibilidades, tentemos transformar os partidos, discutir, fazer análises, tentemos compreender a nova estrutura social, elaborar novos programas econômicos. Pode ser difícil: mas tudo isso é necessário, não há alternativa. Como também é necessário saber que há coisas que não podem ser feitas do dia para a noite¹⁷.

A base da exploração do operário pelo capitalismo, torna-se evidente que a liquidação e substituição pela propriedade social é o único caminho para a emancipação da classe operária.

O direito do trabalho deveria ser para todos os homens. Se todos tivessem o seu próprio serviço, seus direitos, eliminaria crises e a liquidação do desemprego.

Quando todos os meios fundamentais de produção se concentram nas mãos da cooperativa de produção, o trabalho de cada pessoa perde o sofrimento e adquire um caráter diretamente social. Isto significa que a atividade de cada pessoa serve o cumprimento de uma parte determinada do plano econômico de cada cidadão. E cada nova formação econômica - social vence, porque cria uma produtividade do trabalho mais elevado.

O principal método para alcançar uma produtividade do trabalho mais elevado consiste em equipar constantemente a produção com a nova técnica, aperfeiçoar incessantemente os processos tecnológicos e, simultaneamente, reduzir

¹⁷ ENGELS, Frederich, Marx hoje, p. 43

a duração da jornada de trabalho, para que assim o trabalhador possa trabalhar bem progressivamente, sem estar alienado.

Só a busca da emancipação humana devolverá o homem a si mesmo e ela não se realiza senão quando o homem reconhece e organizou suas próprias forças como forças sociais, e não separa, portanto, de si mesmo a força social sob a forma da força política.

A emancipação humana exige que seja posto um termo ao poder e ao reino do dinheiro. Teoricamente, a política está acima do poder do dinheiro, mas praticamente ela tornou-se sua prisioneira¹⁸.

A emancipação exige a negação do direito da propriedade privada e do direito de propriedade que não é senão do direito do egoísmo, e que forma a base da sociedade burguesa. Trata-se portanto da dissolução da ordem social atual, e só o proletariado pode anunciá-la e reduzi-la, por ser uma classe com cadeias radicais, classe da sociedade burguesa que não é uma classe da sociedade burguesa, classe que é a dissolução de todas as classes, esfera que tem um caráter universal pelos seus sofrimentos universais.

A relação do homem consigo mesmo se identifica à relação com a espécie presente e viva, de modo que ele se comporta com a relação a si mesmo como a um ser universal e portanto livre. O trabalho humano é mediador entre o ser humano e a natureza. Pelo trabalho humano, a harmonia se realiza entre o homem e a natureza, na medida em que o homem nela instaura o reino da razão. Mas esta harmonia é tendência, só adquire sentido num devir que envolve o mistério da transcendência divina.

Karl Marx não está interessado primariamente na igualação da renda. Ele está interessado na libertação do homem de um gênero de trabalho que destrói sua individualidade, converte-o em coisa, e torna-o escravo de coisas. Assim como Kiekegaard estava interessado na salvação do indivíduo, também Karl Marx estava, e sua crítica da sociedade capitalista não é dirigida contra seu processo de destruição de renda, mas contra seu modo de produção, sua destruição da individualidade e sua escravidão do homem, não pelo capitalista, mas a escravidão

¹⁸ CHAMBRE, Henci, De Marx a Mão TSE TUNG, p 60

do homem - trabalhador e capitalista por coisas e circunstâncias feitas por ele próprio.

A emancipação da sociedade da propriedade privada, da servidão, assume a forma política de emancipação dos operários; não na emancipação da humanidade como um todo. Pois toda servidão humana está abrangida na relação entre trabalhador e produção, e todos os tipos de servidão são apenas modificações ou conseqüência dessa relação¹⁹.

Se percebe que as condições de trabalho tem melhorado. As jornadas de trabalho foram reduzidas, o empregado com direito a férias e outros benefícios adicionais, os ganhos (salário) são mais altos, permitindo a família do empregado atingir um nível que só os poderosos podiam desfrutar antes. Graças a isto e a muito mais que com certeza vão ajudar o homem a eliminar a alienação no trabalho. Sem condições para trabalhar bem e sem satisfação não se sai da alienação.

O homem não se contenta com a sua "liberdade" natural, considerada mera licença, mas sobre ela, transcendendo-a constrói a verdadeira. Tudo acontece como se todos estivessem o direito e a liberdade de comprar e vender a quem e de quem quisessem. Todavia, as pessoas e os grupos o fazem a partir de situações de poder e de propriedade que não depende de seus contatos.

Qualquer tipo de dominação é desumano, pois concorre para negar a própria especificidade histórica do homem. Para que o trabalho seja mediação para o bem viver, é preciso que estejam presentes as demais características que fundam a humanidade do homem, condições de sujeito, e não de denominação, com os demais, é precisamente isso que falta nas relações sociais que dão sob o capitalismo, em que o trabalho é subordinados às regras do mercado.

Deixar de ser explorado é o sonho da imensa população. Para que sejamos homens livres é preciso que procuremos em nosso dias fugir de todos aqueles que nos maltratam, ser esperto e não fazer a vontade dos malvados, procuraremos questionar todo e qualquer ato dos mais poderosos. As coisas perversas e pessoas perversas estão em todos os lugares. O homem para fugir dos dominadores e da alienação é preciso procurar a justiça, a piedade, ter fé e amar

¹⁹ FROMM, Erich, Conceito Marxista do homem, p 55

aquilo que faz, firmeza e discernimento nas tomadas de decisões e ainda mais ser manso e humilde.

A vida do trabalhador é uma batalha, luta contra patrões, governo, salário, enfim, um combate onde é necessário fugir da perversidade e correr em direção da justiça, do amor, da verdade e da fé.

Qual seria o melhor: contentar com pouco isto é, com o mínimo necessário sustento (comer e vestir?) ou, ser rico e estar sujeito a muitos laços e tentações que levam a destruição da vida humana? Olha, ninguém quer viver na miséria e ninguém sendo rico tem sossego de uma vida em paz. De uma coisa devemos ter certeza a raiz de todos os males é o dinheiro.

Para sair de uma condição radicalmente alienada, é preciso emancipar trabalhadores e, com eles, toda a humanidade. Os trabalhadores e capitalistas são igualmente alienados, e as conseqüências são diferentes, a alienação para o trabalhador é a miséria, o não reconhecimento dele próprio e do que ele faz e a alienação do capitalista é, ter por demais e não ter o gozo para o aproveitamento de seus bens, viver em perseguição, viver as escondidas, sem a liberdade.

Na sociedade comunista, na qual cada homem não tem um círculo exclusivo de atividades, mas se pode adestrar em todos os ramos que preferir, a sociedade regula a produção geral, e, precisamente desse modo, torna possível que eu faça hoje uma coisa e amanhã outra, que casse de manhã, pesque de tarde, cria gado à tardinha, critique depois da ceia, tal como me aprovar, sem ter de me tomar caçador, pescador, pastor ou crítico²⁰.

Só na comunidade, portanto, que se torna possível a liberdade pessoal. Segundo Karl Marx, o comunismo é a abolição positiva da propriedade privada, da alto - alienação humana, e assim a verdadeira apropriação da natureza humana por meio do e para o homem. Ele é, por conseguinte, o retorno do próprio homem como ser social.

²⁰ MARX, Karl Heinrich & ENGELS, Frederich, A ideologia Alemã, p 39

Um ser não se considera independente a menos que ele seja seu próprio senhor, e só é, quando deve sua existência a si próprio. A meta do socialismo era a emancipação do homem, isto é, a mesma coisa que a auto-realização dele no discurso de seu relacionamento e identificação com o homem e a natureza. Ser livre é viver em uma sociedade que permite a efetivação da essência do homem superando sua alienação.

CONCLUSÃO

O emprego de instrumento de trabalho modificam as relações do homem com a natureza, tornando os dias de trabalho cada vez menos sofredor.

O trabalho transforma o homem, exige dele raciocínio, planejamento, previsão das possíveis dificuldades e, o que é mais importante, exige que o homem acumule conhecimento já adquirido.

Ao longo da História o trabalho tem tornado o homem imóvel, carregado de sofrimento, das torturas e humilhações, e nota-se que a essência do homem está no trabalho, seja qual for.

O ser humano a cada dia que passa vai se tornando uma mercadoria, um valor nas mãos do capitalismo. E o operário cada dia que passa perde a essência, mas é graças a virtude, a classe operária é capaz de atingir o mais alto grau de organização, pois é também a classe a qual possui a maior capacidade para desenvolver a própria consciência, para aprender a concepção do mundo avançado, científico.

Mas, com as transformações que ocorreram nas indústrias do artesão até os fabricantes modernos, o homem sofre a degradação, perdendo uma autonomia, ficando alienado, e o trabalho passou a ser exterior a ele, seja no setor de serviços, constatamos a alienação, onde o trabalhador não determina mais as horas a serem trabalhadas, nem o ritmo do trabalho, nem o quê, e como produzir, nem as roupas a serem usadas em última instância, tudo é exterior ao homem, tudo já está predeterminado, e numa linha de produção, o homem é apenas um dente no meio de centenas de engrenagens que funciona a favor do capitalismo, onde são controlados todos os seus movimentos, sendo assim um ser totalmente alienado,

uma mercadoria sem valor. O trabalhador se reduz a uma mera extensão da máquina. Longe de ser fator de prazer, o trabalho é muito mais uma tortura, instrumento de sofrimento ao qual o indivíduo se submete apenas porque precisa sobreviver. Esse trabalho, tortura tira a possibilidade do homem ser criativo.

No regime capitalista, o trabalho é algo negativo, pois o capitalismo paga ao operário o seu trabalho, sendo rebaixado ao nível de um animal. Portanto o regime capitalista é um fenômeno desumano, onde os mais fracos ficam longe de serem felizes, sente-se desprezados, não desenvolve nenhuma energia livre no trabalho.

Mas é preciso de homens que ajudem a despertar o senso crítico para o mundo, mostrando que cada um pode ser liberto, tendo uma relação afetiva com seu próximo, não deixando que lhe façam de idiotas, agindo sempre unidos, deixando de lado a ganância do ter. Procurar viver dignamente em sociedade, e agindo juntos, pois se percebe que as condições de trabalho tem melhorado e muito nos últimos anos.

Deixar de ser explorado é um sonho de todos, mas para isso é preciso fugir daqueles que os maltratam, denunciando as injustiças principalmente, e questionando as decisões dos grandes capitalistas, mas acima de tudo ser piedoso, ter fé e agir com humildade, ir em busca de paz, do amor junto com Deus.

Não é proibido possuir. Ter bens faz parte da natureza humana. O que é mais assustador é saber que uma grande parte da população brasileira vive na miséria, sendo alienado no trabalho, passando fome, sendo que o Brasil é um grande exportador de alimentos.

O trabalho alienado é algo muito sério. Atinge e modifica profundamente o trabalhador. E existe uma preocupação e tem sido estudada por Teólogos, Filósofos, Sociólogos, Psicólogos e outros cientistas e todos concordam que a alienação é uma desgraça para o trabalhador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de referências:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad.: Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Básico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Bibliografia:

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. Primeiros Passos. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

BRAVERMMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista. A degradação do trabalho no século XX**. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

CATANI, Afrânio M. **O Que é Capitalismo**. 34 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CHAMBRE, Henci. **De Marx a Mão Tse Tung**. São Paulo: Duas Cidades, 1963.